

GEORGE GORDON BYRON

O CERCO DE CORINTHO,
POEMA DE LORD BYRON,
TRADUZIDO EM VERSO
PORTUGUEZ

George Gordon Byron
O Cerco de Corinto,
poema de Lord Byron,
traduzido em verso portuguez

http://www.litres.ru/pages/biblio_book/?art=24180916

O Cerco de Corinto, poema de Lord Byron, traduzido em verso portuguez:

Содержание

О TRADUCTOR,	5
О CERCO DE CORINTHO	9
Конец ознакомительного фрагмента.	19

George Gordon Byron O Cerco de Corinto, poema de Lord Byron, traduzido em verso portuguez

AO ESTIMAVEL ANONYMO

Alma prestante, onde reside e impera
O Genio da Amizade,
Que a luminosa esfera
Deixou, para acudir á humanidade,
Sumida em pesadumes e agonias,
Em feia escuridade!
Alma onde o typo eterno não se encobre,
E que, n'estes d'egoismo ferreos dias,
O instante de ser util só vigias,
Sincera, affavel, nobre!
Acceita, em oblação a ti votado,
Ancioso de agradar-te, este traslado.

Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho.

O TRADUCTOR,

Para perpetuar a gloria do sublime poeta que tanto enriqueceo a sua patria e o mundo literario com o preciosissimo cabedal de suas producções, bastaria esta de que comprehendemos e agora publicamos a traducção. Sciencia dos tempos e dos costumes, vasta erudição, profundo conhecimento do homem, variedade e magnificência de quadros, fecunda elevação de pensamentos, lustre e vigor de poesia, sobresahindo por effeito da mais acertada e judiciosa distribuição, eis os titulos com que se engrandece este poema, onde lord Byron não houve mister longo espaço para mostrar-se, immortal.

Não é raro tecerem os traductores sobejo encomio ainda a mediocres originaes, quando com estes despendêrão vigalias e desvelos; mas nem por isso receamos que, elogiando a lord Byron, nos accusem de encarecimento ou de leviandade: as suas obras ahi estão bem patentes, e a sua reputação é já colossal.

Todavia, notando a mui sincera affeição que consagramos a tão estremado engenho, ninguem haja de persuadir-se que o avaliamos como isento de toda a mácula. Por certo que lord Byron era homem, e o fragil da humanidade transparece em algumas das suas producções, e ás vezes procura brilhar em detrimento daquella gentil gravidade que mui bem assenta nas Musas, e sem a qual desmentem ellas a sua origem celeste; mas de semelhante desar campea livre o poema que apresentamos

traduzido. – Só de passagem mencionaremos um descomedido orgulho nacional¹, um amor á liberdade, que por vezes degenera em fanatismo: estes sentimentos os bebeo o poeta com o primeiro alimento de sua infância, e, quando concentrados em justo limite, são nobres, e longe estamos de criminá-los.

Não menos que lord Byron admiramos os grandes capitães Gregos e Romanos; também nas escolas estudamos e traduzimos Nepote, Tacito, Tito-Livio, &c. Todavia os heróes n'essas historias memorados viverão em tempos mui diversos dos nossos, e diversissima foi a sua educação fisica e moral: por tanto o joven entusiasta hodierno que ambiciona a todo o custo igualá-los, arrisca-se a cometer mil despropositos, e mesmo a ser victima inutil de suas desattentadas proezas. Para morrer com gloria no desfiladeiro de Thermópilas, cumpre, além de haver sido educado em Esparta, ter á frente um Leonidas. A prudencia de Fabio transtornou os planos de Annibal e salvou Roma, conseguindo aquillo mesmo que fôra denegado ás fastuosas e arrogantes ousadias de Sempronio e de Flaminio. Do sacrificio de Curcio, despenhando-se armado e com seu proprio cavallo no boqueirão aberto por um terremoto em certa praça de Roma, que proveito recolhêrão os concidadãos, a patria, ou a especie humana? Curcio era pois um esquentado entusiasta, ou antes

¹ Este orgulho se deixa ver bem claro no *Childe Harold's Pilgrimage*, cant. I.º est. 16, onde, entre outros motejos com que o poeta pertende aviltar os Portuguezes, também lhes exprobra a serem *A nation swoln with ignorance and pride*. Nação inflada d'ignorancia e orgulho. Quererá isto dizer que a Inglaterra é um paiz todo cheio de sabios, e onde o orgulho morre de frio, por falta de quem o aquartele?

um orate rematado. É indubitavel que a cega ambição de figurar com heroismo Grego ou Romano, associada ao soffregio ardor não sei de que liberdade turbulenta, insidiosa, desmoralisadora, e de mais pernicioso effeito que qualquer desmascarada tyrannia, tem excandescido bom numero de cabeças e avultou de sobejo na mui abalisada revolução de França, que ainda hoje em sangrentas paginas aterra a humanidade. — Talvez o amor que sempre tributamos á verdade nos levou em demasia longe; mas como quer que seja, não cessaremos de confessar que o sublimado engenho de lord Byron nos penetra de admiração, e deixa, ao menos em nosso alvitre, o homem justificado pelo poeta.

Quanto á nossa traducção, sobre diligenciarmos que portugueza fosse, pozemos todo o cuidado em exprimir com clareza os pensamentos do poeta, bem como em não deteriorar-lhes a nativa gala, que antes nos parece mais pomposa n'este nosso fertil e sonoro idioma: entretanto não é por nossa conta que deve correr a cabal decisão na materia, mas sim por conta de mais competentes juizes, que, versados nas duas linguas, queirão dar-se ao trabalho de cotejar o original com a versão.

Entre os nossos traductores poetas, alguns houve que gemêrão sob a ferrenha tarefa de traduzir tragedias e longos poemas verso por verso; mas que resultou de tanta diligencia? o substituirem, pela maior parte, a versos fluentes e vigorosos uma enfiada de semsaborias, de durezas, de enigmas, onde a graça e louçania dos originaes degenera em rugosa e desalinhada velhice. Não negamos que isso tenha cabimento e deva adoptar-se quando

nenhum inconveniente o estorva; porém o verter affincadamente poemas inteiros verso por verso, é uma curiosidade que em muitos casos empece á nobre franqueza do estilo, á suavidade do metro, e ao effeito geral dos quadros poeticos. Estamos persuadidos de que deve o traductor de um poema ser sempre fiel á quantidade das idéas, não assim á quantidade dos versos: tal foi o nosso systema de traducção no *Cêrco de Corintho*.

Ardua e mui ardua emprêsa é traduzir poetas; bem o sabemos e experimentamos. Se todavia para traduzir lord Byron de nada mais se carecesse que de estar profundamente penetrado das extraordinarias e sublimes bellezas com que este filho da immortalidade abrilhantou suas obras, então nos lisonjearíamos de apresentar a nossos leitores uma copia digna do original, e preciosa para elles.

O CERCO DE CORINTHO

I

Longo trilho de seculos exhaustos,
Rijas tormentas, bellicos furores,
Infestárão Corintho: ella entretanto
Persiste em pé, e no alteroso alcáçar
Nova conquista á Liberdade off'rece.
Nem bramir de tufões, nem terremotos
O alvejante penhasco lhe abalárão,
Esse lageoso assento, que, em despeito
Da decadencia sua, inda parece
Não sem orgulho contemplar seu cimo;
Esse padrão demarcador erguido
Entre os dous mares, que d'um lado e d'outro
Lhe estão rolando purpurinas ondas,
Que sempre a forcejar por se reunirem,
O acatão sempre, e vem morrer-lhe ás plantas.
Se o sangue n'estes sitios derramado
Desde que n'elles o fraterno sangue
Timoléon vertêra, ou desde quando
Pelo aviltado despota da Persia
Abandonados forão, borbulhasse
Da terra que o bebeo no morticinio,

Este sangrento oceano sepultára
Sob os tremendos escarcéos todo o isthmo:
Ou se podessem amontoar-se os ossos
Dos que alli phecêrão, surgiria
Por entre aquelles ceos abrilhantados
A colossal pyramide espantosa,
Dando rival á Acrópolis, que as nuvens
Se vê roçar co'a torreada fronte.

II

Eis lanças vinte mil sobre as espaduas
Do nebuloso Citherón fulgurão;
E em toda a planta do isthmo, sobre as duas
Oppostas praias que o ladeão amplas,
Se eleva o pavilhão, brilha o Crescente
Nas federadas linhas Musulmanas;
E o tignano Spahí desfila em bandos
Á vista dos Bachás amplo-barbados;
E os olhos podem ver ao longo e ao largo
As cohortes cingidas do turbante,
Que o promontorio alastrão, enxameão:
Lá se ajoelhão do Arabe os camelos,
Do Tartaro os ginetes la volteão;
Dando de mão á grei, o Turcomano
Prestes unio ao lado a cimitarra.

Dos bellicos trovões crebro rebombo
Té faz emmudecer, de susto, os mares,
Profunda-se a trincheira, e muito longe
Silvando vôa no pelouro a morte;
Sob o peso da bomba assoladora,
Soltão-se em pulverento remoinho
Os da muralha esboroados lanços;
E, do recinto d'ella, eis o inimigo
Ás do Infiel intimações responde
Com manejo expedito, e fogos destros.
Que vão cruzando os empoeirados plainos,
E os ares que anuvia o fumo em rôlos.

III

Das muralhas porém o mais visinho
Entre os que punhão peito e mãos á empresa
De as converter em ruina, o mais profundo
Que nenhum dos da prole Musulmana
Nas da guerra artes tétricas, e altivo
Qual nunca o foi assignalado chefe
Colhendo louros em sangrentas lides;
O que voando audaz de posto a posto,
D'um feito a maior feito, se avantajaja
Em destro esporear corsel fumante,
Em surdir mais veloz onde arde o p'rigo,

Cada vez que ha sortidas ou assaltos;
E quando a bateria, em mãos valentes,
Resiste inexpugnável, então mesmo
Com exultante aspecto desmontando
A dar alento, na refrega, aos tibios;
O mais abalisado e o mais recente
Da hoste que lucrou n'estas paragens
Ao sultão de Stamboul renome egregio;
O guia incomparavel em campanhas,
Ou solerte assestando o ferreo tubo,
Ou manejando a temerosa lança,
Ou tufão que rebenta onde ha conflictos, —
É Alp, o Veneziano renegado!

IV

O renegado de Veneza! – ah! elle
De vetusta linhagem primorosa
Teve o seu nascimento: todavia,
Desterrado a final do patrio ninho,
Contra os concidadãos tomou as armas,
Em que por elles adestrado fôra;
E orna-lhe a fronte rasa hoje o turbante.
Depois d'eventuaes destinos varios,
Sob a lei que Veneza lhe dictára
Se acolheo, como a Grecia, então Corintho;

E ei-lo que ante seus muros se apresenta,
Inimigo entre os feros inimigos
Da Grecia e de Veneza, e trasbordando
De resentido ardor, qual excandesce
Ao joven convertido a alma orgulhosa,
Onde duestos mil accumulados
Estão sempre em tumulto, e eternos vivem.
Nem por isso com elle quiz Veneza
Desempenhar o civico appellido
Em que firmava o seu brazão = A LIVRE; =
E de São Marcos no palacio excelso,
Delatores incognitos lançárão
Na *Boca do Leão*, durante a noite.
Denuncia atroz de requintados crimes,
Que o cobrião de macula indelével:
Salvou seus dias pressurosa fuga.
Desde esse lance despendia a vida
No meio dos combates, demonstrando
Bem claro á patria o que perdeu no alumno
Que contra a Cruz, já supplantada, erguia
O soberbo Crescente, e, guerreando,
Só vingar-se ou morrer buscava ancioso.

V

Coumourgi – aquelle que impôz termo aos feitos,

O ultimo perecendo, e o mais pujante,
Lá nos de Carlowitz sangrentos plainos,
Sem magoa de morrer, porém, raivoso,
Dos Christãos maldizendo inclitos louros,
E d'Eugenio adornando o grão triunfo;
Counmurgi – e por ventura a gloria d'este
Conquistador da Grecia derradeiro
Poderá perecer, senão surgindo
Braço Christão que restitua á Grecia
Sequer os fóros que gozou outr'ora
Por Veneza outorgados? Elle vinha,
Já depois de volvidos lustros vinte,
Reintegrar a Othomana prepotencia;
E, os veteranos seus pospondo agora,
Para mandar do exercito a vanguarda
Alp escolheo, que a confidencia summa,
Arrazando cidades, lhe pagava,
E mostrando em façanhas destructoras
O seu zeloso affêrro á nova crença.

VI

A muralha enfraquece: de continuo
As Turcas baterias lhe varejão
O parapeito e ameias; restrugindo,
Sahe de cada canhão a voz do raio:

Aqui flammeja, ao rebentar da bomba,
Crepitante zimborio; além baquea
Este, est'outro edificio derrocado,
Sob o espesso granizo d'estilhaços,
Que em lufadas volcanicas recresce:
Vai resfolgando em rúbidas columnas
Voraz incendio, que tão alto sobe,
Como sobe o fragor da ruina ingente,
Ou solta-se em terrestres meteoros
Que vão no ceo esvaecer-se infindos:
Mais nebuloso, mais impervio o dia
Se torna á luz do sol, co'a mole opaca
Do fumo alçado em tortuosos rôlos,
Que d'enxofrado horror a esfera enlutão.

VII

Nem sómente ardor cego de vingança,
Que a longa dilação fez mais ferino,
Esporeára esse Alp apostatado
Á adestrar os guerreiros Mahométras
N'arte de abrir a promettida brecha.
D'aquelles muros no recinto havia
Uma donzella, cuja mão formosa
Elle obter pertendia apesar mesmo
Do inexoravel pai, que, furibundo,

Aos rogos lha negou, quando Alp outr'ora,
Chamando-se Lanciotto, o bafejavão
Tempos melhores, mais propicios fados;
E sem nota e sem crime de perfidia,
Aos palacios, ás góndolas levando
Alegria vivaz, se assignalava
Nos Carnavaes, ou resoar fazendo
Sobre aguas do Adria esses descantes meigos
Que alvoroçadas de prazer escutão
Á meia-noite as Italas donzellas.

VIII

Que do seu coração já possessora
Não fosse a virgem, suspeitavão muitos;
No em tanto d'infinitos requestada,
E a nenhum acolhendo, persistia
De todo o laço conjugal isenta
A juvenil Francina: e desde o instante
Em que das Adriaticas paragens
Se retirou Lanciotto a pagãos climas,
O sorriso expirou nos labios d'ella;
Meditabunda e pallida tornou-se;
Confissões amiudava, e já não era
Tão vista em mascaradas e assembleas;
Ou, se lá ia, os olhos seus descidos

Avassalavão, n'um volver furtivo,
Mil corações de balde suspirosos:
Nenhum objecto contemplava attenta;
Não punha em atavios tanto apuro,
Nem já tão terno desprendia o canto;
Seus passos, bem que leves, o erão menos
Que os dos parceiros seus, a quem na dança
Colhia absortos o raiar d'aurora.

IX

D'um sólo aos Musulmanos arrancado,
Quando a soberba lhes calcou Sobieski
Ante os muros de Buda, ás margens do Istro;
D'um sólo que depois Veneza altiva
Empolgou com violencia desde Patras
Té a Euboica enseada, o regimento,
Por ordem sup'rior, tomou Minotti;
E de Corintho na torreada estancia
Já elle era do Doge o delegado,
Quando os olhos da Paz fagueiros, pios,
Depois da larga ausencia, confortavão
C'um sorriso dos seus a Grecia sua,
Inda não rôto esse armisticio trêdo
Que ao jugo anti-Christão a subtrahia.
Entrou Minotti alli co'a filha amavel;

E desde o tempo em que a formosa Helena,
Deixando o esposo e a patria, fez ver quantos
D'um illicito amor desastres brotão,
Nunca estas praias adornou belleza
Digna de comparar-se á da estrangeira.

X

Em crebros boqueirões abre-se o muro;
E sobre as ruinas da alluida mole
Vai, á primeira luz, desenvolver-se
Assalto mais que todos formidando.
Tropas enfileirarão-se; escolhidos
Forão para formar toda a vanguarda
Tartaros e Othomanos; e vós outros,
Flor dos guerreiros, a quem foi sem causa
Imposto o sobrenome de *perdidos*,
E para quem a morte e riso, é jôgo;

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.